

# Sacrifício, único caminho para a santidade?...

“Não quero holocaustos, nem oblação, mas um coração contrito...” (cf. Hb 10, 5-7)



Leonardo Núñez de M. Reis



religiões ou práticas religiosas que cultivem esse tipo de pensamento, pois muitas vezes o desânimo de lutar, por anos e anos, sem conseguir melhora financeira e de saúde, a falta de esperança e de perspectiva de melhora futura, faz com que esse sofrimento encontre uma aparente justificação.

Mas, tal forma de pensar, não cristã, pode contribuir para o aumento das patologias e frustrações da nossa época.

Ouvimos mães e pais cobrarem de seus filhos pela juventude perdida ou por abrirem mão de muitas coisas para o bem deles. Vemos um crescimento muito grande do conformismo, da falta de vontade de lutar e melhorar a sua situação, da depressão e da indiferença. Pessoas que perdem o gosto e a beleza da vida, assistindo o tempo passar à sua frente, perdendo grandes oportunidades de ser feliz.

Às vezes, infelizmente, vemos tal patologia chegar ao seu grau extremado, onde a pessoa se transforma numa bomba, acabando com a sua e a vida de milhares de pessoas, na esperança de que o seu ato extremado de sofrimento possa levá-lo definitivamente para a felicidade eterna.

Onde podemos concluir, embora de forma bem simplória e sucinta, que o sofrimento pelo sofrimento ou o sacrifício pelo sacrifício não é salvífico, não plenifica a pessoa do ser humano.

Recentemente me submeti a uma pequena cirurgia no joelho, realizada através de uma artroscopia, o que me fez recordar momentos da minha infância que foram marcados, muitas vezes, por inúmeras cirurgias mais complexas e por recuperações demoradas e tediosas. Foram momentos de renúncias, superação e sacrifícios, não só para mim, mas, sobretudo, para meus familiares.

Porém, em momento algum nos considerávamos merecedores de tal situação e muito menos que Deus era o “culpado” ou que tudo estava acontecendo porque Deus quis. Nunca tal situação, embora cansativa e desanimadora, se transformou em peso para mim ou minha família.

O otimismo, a perseverança e a alegria sempre marcaram esses momentos, sobretudo, os mais difíceis. Eu nunca admiti que Deus quisesse o nosso sofrimento, pois os que me cercavam e me amavam não o queriam, muito menos Deus, amor-ágape, o queria. Ao contrário, encontrávamos em Deus o amor, a esperança e a força para transpor todas as dificuldades que a vida apresentava.

Eis a grande chave para esta questão: O Amor. Como disse o escriba a Jesus em Marcos 12 após tê-lo interrogado sobre os mandamentos: “Perfeitamente,

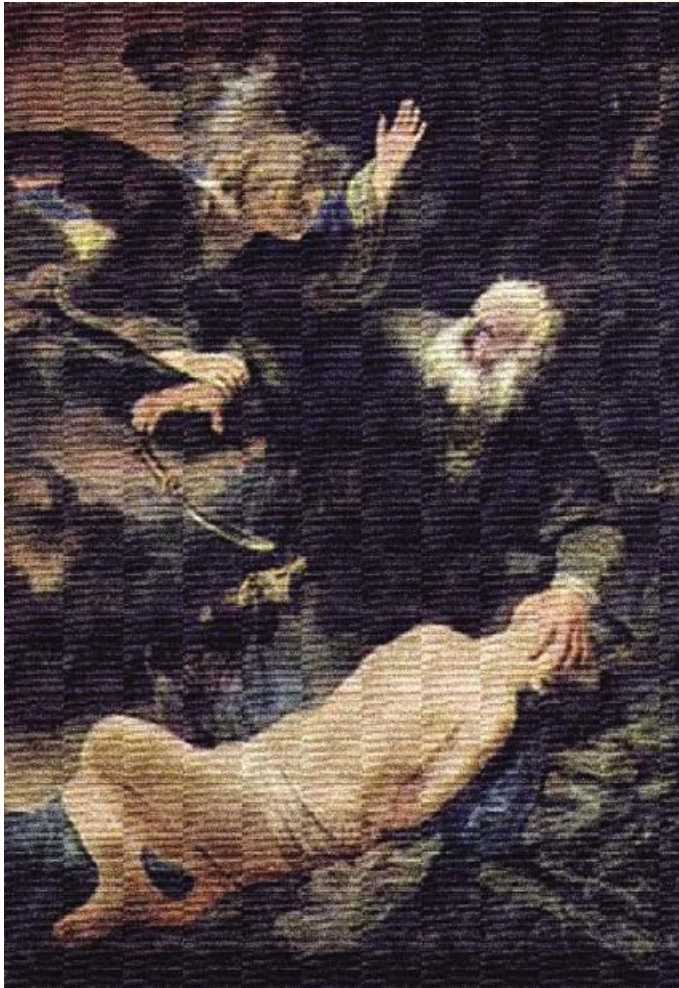
Como pode um Pai amoroso querer o sacrifício ou a morte de seu Filho amado? Como pode o Deus-Amor exigir sacrifício para a nossa salvação? Seria a dor, o sofrimento e o sacrifício, o único caminho para a visão beatífica de Deus? E quem não passar por grandes sacrifícios, não será salvo? Não poderá estar em plena comunhão com Deus?... Provavelmente algumas dessas perguntas já passaram por nossos pensamentos...

Certamente já escutamos, e não raramente, expressões do tipo: O que eu fiz para merecer esse sacrifício?... Fulano foi uma peste quando jovem, agora está pagando todo o seu pecado com a filha que teve... Viu, bem-feito, Deus castiga!... E outras expressões similares.

Num mundo com violências, injustiças, misérias, fome e tantas outras formas de sofrimento, aumenta também a quantidade de mensagens que afirmam que todo sacrifício é caminho necessário para a “purificação” e salvação. Ou que você está sofrendo para pagar pelos pecados e erros, ou ainda, você merece sofrer, pois seria a única forma de “curar” ou apagar seus pecados... pensamento muito utilizado e presente no espiritismo.

É bastante compreensível o crescimento de

Mestre, disseste bem que Deus é um só e que não há outro além dele. E amá-lo de todo o coração, de todo o pensamento, de toda a alma e de todas as forças, e amar o próximo como a si mesmo, excede a todos os holocaustos e sacrifícios” (Mc 12, 32-33). E não poderia ser diferente a resposta de Jesus ao escriba: “Não estás longe do Reino de Deus” (Mc 12, 34).



Sacrifício de Isaac (por Abraão),  
pintado por Rembrandt, 1635

A ação redentora de Cristo já começa, quando por amor se fez um de nós e concretizou em sua vida esse amor sem limites e sem medir conseqüências, mesmo que sua forma plena de amar O levasse à morte para sua posterior ressurreição. Sua morte foi uma conseqüência de sua forma plena de amar e viver, que ainda não é compreendida e vivenciada pelos homens.

Jesus nos amou, de forma incondicional, não esperando de nós algo em troca, nossa gratidão ou nosso reconhecimento futuro. Ele simplesmente nos amou e nos amou até o fim.

E, certamente, diante do enorme sacrifício da cruz, somente a plena comunhão do amor existente na relação trinitária fez com que Cristo superasse tanta dor e sofrimento.

Somente por e no amor é que somos capazes de

superar os obstáculos e encontrar razões para seguir em frente.

Nossa reflexão é um bom momento para avaliarmos os sacrifícios que estamos fazendo hoje em dia. Será que estamos fazendo sacrifício somente pelo sacrifício? Será que o nosso ato de renúncia é verdadeiramente um ato de amor ou é um ato de falta de esperança e de forças para mudar o que deve ser mudado? Será que não estamos esperando, lá no fundo, que esse nosso gesto de sacrifício seja reconhecido por



alguém um dia? E se já perdemos a esperança, será que não é o momento de nos entregarmos mais ao amor de Deus?...

Estas e tantas outras perguntas podem e devem ser feitas para que não percamos tempo, nem percamos a esperança ou tenhamos frustrações no futuro. Embora só tenhamos a plena felicidade, quando estivermos na perfeita comunhão com Deus na vida eterna, Deus nos quer felizes, alegres e realizados desde já. Agora. Mesmo que no caminho tenhamos que transpor alguns obstáculos.

E nunca esqueçamos o que diz a carta aos Hebreus: “Não negligencieis a beneficência e a liberalidade. Estes são sacrifícios que agradam a Deus!” (Hb 13, 16).

